

Convivência cltica, espiritualidade e suas bem-aventuranças

Cultivation, spirituality and its beatitudes

José Jacinto de Ribamar Mendes Filho¹

RESUMO

Este artigo visa compreender a vida cltica de Jesus na esfera social. Busca descrever a realidade de Jesus. Compreendendo a importância das relações interpessoais, sem deixar de tratar das relações com Deus, tendo em vista os conceitos de culto e espiritualidade e a constatação de que o segundo mandamento “amars o teu próximo como a ti mesmo” alude ao culto a Deus, o texto pergunta: amar o próximo como a si mesmo corresponde ao amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento? O artigo, então, propõe um convite  “convivência para o Bem Viver”. Mostra no decorrer da análise teológica e explicativa, a existência da espiritualidade nas relações entre pessoas e nas relações com Deus, explicando que pode haver uma prática espiritual nesta convivência. O trabalho está dividido em três seções: a primeira seção, “a realidade de Jesus”, compreende que o culto se afirma na comunhão humana, assim como na comunhão com Deus. A segunda seção, “as bem-aventuranças”, mostra a interação entre Jesus e os curados, os desfavorecidos, situação que fundamenta a vida cltica e que vai servir de espelho para uma convivência cltica contemporânea. A terceira seção, “conviver para um Bem Viver”, tem a intenção de ser convite, de afirmar a importância do humano sobre a terra como sujeito capaz de transformar o mundo para encorajá-lo a ser espiritual na convivência com os outros.

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, mestre em Teologia (Faculdades EST). Professor de Hebraico e História Judaica na Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (FACETEN) e Diretor Acadmico da mesma Faculdade (FACETEN).

PALAVRAS-CHAVE

Convivência cltica. Espiritualidade. Bem-aventuranças.

ABSTRACT

This article aims to understand the cultic life of Jesus in the social sphere. It seeks to describe the reality of Jesus. Understanding the importance of interpersonal relationships, while dealing with relationships with God, in view of the concepts of worship and spirituality and the realization that the second commandment “Thou shalt love thy neighbor as thyself” alludes to the worship of God, the text asks: does loving one’s neighbor as it corresponds to loving God with all our heart, soul, and understanding? The article then proposes an invitation to “coexistence for the Good Living”. It shows in the course of theological and explanatory analysis the existence of spirituality in relationships between people and relationships with God, explaining that there can be a spiritual practice in this coexistence. The work is divided into three sections: the first section, “the reality of Jesus”, comprises that worship asserts itself in human communion as well as communion with God. The second section, “The Beatitudes”, shows the interaction between Jesus and the healed, the disadvantaged, a situation that underlies cultic life and which will serve as a mirror for contemporary cultic coexistence. The third section, “Living for a Good Living”, is intended to be inviting, to affirm the importance of the human being on earth as a subject capable of transforming the world to encourage him to be spiritual in living with others.

KEYWORDS

Convivence cultic. Spirituality. Beatitudes.

Introdução

Este artigo visa compreender a vida cltica de Jesus na esfera social e a importância das relações interpessoais, sem deixar de tratar das relações com Deus, tendo em vista os conceitos de culto e espiritualidade e a constatação de que o segundo mandamento “amars o teu próximo como a ti mesmo” alude ao culto a Deus. A questão é: amar o próximo como a

si mesmo corresponde a amar a Deus de todo o coração, de toda a alma de todo o entendimento?

Jesus andava por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando as enfermidades e doenças do povo (Mateus 4,23). Suas pregações eram carregadas de ensinamentos sobre práticas de amor e de misericórdia. Ele usava parábolas para ilustrar o Reino de Deus. Conscientizava o humano para depois expressar gestos de fraternidade, amor e vida (“eu sou o caminho a verdade e a vida”). O seu relacionamento profundo com Deus expressava-se em gestos, posturas e ações (João 14,13). Assim se evidenciava sua espiritualidade.

Como era a relação de Jesus com o próximo e a próxima, dentro de uma concepção de espiritualidade e convivência cültica, na interação de relações inter-humanas e relações com Deus. O artigo propõe mostrar que é possível haver, a partir da vida cültica de Jesus, uma vida cültica fora do Templo, inserida no mundo, a partir da convivência e da prática espiritual: um convite à “convivência para o Bem Viver”. Ou seja: espiritualidade ocorre não somente em momentos de oração, jejum e eucaristia, mas, sobretudo, no compromisso de amar, cuidar e servir a quem está próximo.

A realidade de Jesus

O culto é o meio pelo qual acontece a experiência religiosa. É o lugar onde as razões do coração querem ter razão apaixonadamente;² lugar em que a expressão humana de sentimentos, caracterizada por curiosidade e admiração, busca conhecer a esfera dos mistérios. O culto pode certamente ser definido como uma homenagem ou honra prestada a Deus ou a seres divinos independentemente do lugar onde se presta o culto.

Urbano Zilles afirma que a experiência humana pode ser vista como consciência da realidade: “Por experiência podemos entender a maneira de conhecimento pela qual a realidade se torna presença imediata à consciência”³. De outro lado, ainda: “A experiência religiosa é um conhecimento

² CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 70.

³ ZILLES, Urbano. *Crer e Compreender*: Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004, p. 19.

direto, ou uma consciência direta, que não tem nada a ver com uma dedução racional ou uma crença teórica”⁴.

Longe de ser processo de dedução racional, a escolha de um lugar para culto pode ser considerada o começo de uma experiência religiosa. E essa experiência religiosa, independentemente do lugar onde ocorre, pode ser definida como prestação de “culto”.

No latim, o termo *cultus* (“cultivo; reverência”), e *latreia* (“adoração”), no grego,⁵ equivalem ao termo hebraico *abôda* “serviço” ou “culto”.⁶ O dicionário procura definir o termo como “[...] ação ritual mediante a qual se expressam os sentimentos de adoração, veneração, agradecimento, pedido de perdão ou ação de graças; aspecto fundamental de todas as religiões e culturas”⁷.

Literaturas antigas descrevem a fundação de um culto a uma divindade; as narrativas legitimam um santuário como local de peregrinação quando descrevem como o local se tornou palco de uma revelação, passando a ser, por isso, um lugar sagrado. Registros bíblicos mostram o quanto a fé do povo de Deus era fervorosa na hora de prestar o culto no lugar sagrado (Gênesis 18; 21,15; Êxodo 3,1-5; Juízes 6,11ss; 1 Reis 19,5; Josué 24,26)⁸.

W. H. Schmidt classifica essas narrativas como um tipo especial de saga: são sagas etiológicas que legitimam o lugar de culto, também chamadas lendas de um santuário ou, então, *hierói lógoi*. Elas não são numerosas no Antigo Testamento, mas são muito importantes por seu conteúdo. “Elas falam de origem, isto é, da descoberta e da denominação de um local sagrado”⁹. Estes locais podem estar relacionados a diversos

⁴ AMATUZZI, Mauro Martins. *A experiência religiosa: estudando depoimentos*. Estudos de Psicologia, V. 15, p. 04, 1998.

⁵ Já o Novo Testamento, vai usar o termo *latreia* para referir-se a adoração a Deus (Mateus 4,10; João 16,2; Colossenses 2,18).

⁶ O Antigo Testamento vai usar a palavra *abôda* para referir-se ao serviço ao rei, a Deus ou ao templo (I Crônicas 26,30; Êxodo 3,12; 4,23; 12,25; Deuteronômio 6,13; Josué 22,27; Ezequiel 44,14).

⁷ PASCUAL DOTRO, Ricardo; GARCIA HELDER, Gerardo. *Dicionário de liturgia*. São Paulo, SP: Loyola, 2006, p. 51.

⁸ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2004, p. 60.

⁹ SCHMIDT, 2004, p. 60.

fenômenos ou elementos da natureza: junto a árvores (Gênesis 18), pedras (Gênesis 28,10ss), rios (Gênesis 32,23ss) ou nascentes (Gênesis 16,7)¹⁰.

As aparições divinas quase sempre marcavam os lugares de culto¹¹. “Essa manifestação pode ser explícita: a divindade aparece, ou ordena ou dá um sinal; ela pode ser implícita: ela transparece nos efeitos naturais que são reportados ao poder de um deus”¹². Para que o lugar escolhido fosse um lugar de culto, era preciso haver legitimação do espaço e dos objetos vinculados ao mesmo, considerados, então, sagrados.

A introdução ao ministério de Jesus mostra qual foi o propósito real do mestre: ensinar e pregar o evangelho do Reino, curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. Estas são as principais razões citadas nos Evangelhos; elas apontam para uma forma de culto (Mateus 4,23-25; 23,6; 23,1; 12,6; Atos 15,21; 17,17; 26,11). Mateus 4,23-25 compõe-se de um breve sumário, que resume em termos gerais o que ocorrerá nos capítulos 5-9. Relata que Jesus ensinava nas sinagogas dos judeus, onde a espiritualidade litúrgica era celebrada sem nenhum culto sacrificial, mas onde havia reuniões de oração e para a leitura dos ensinamentos da Lei¹³.

Na Palestina dos tempos de Jesus, toda a vida do povo judaico era *religiosa* no sentido amplo da palavra. As festas, as cerimônias e as reuniões na sinagoga eram acontecimentos da vida diária; faziam parte do cotidiano e eram manifestações do mesmo espírito que também governava todos seus outros aspectos no convívio entre famílias. “Tratava-se da aparência mais solene, mais formal e externa de uma fé em que se

¹⁰ Ver ainda SCHMIDT, 2004, p. 60.

¹¹ Por exemplo, Êxodo 3.1-6 descreve os elementos *a presença de Yahweh, o elemento fogo, monte e espaço sagrado*, como objetos sagrados que autenticam o culto de Moisés prestado a Deus. Semelhantemente é o texto de Gênesis 18, o qual descreve a aparição de três homens representativos do sagrado, que juntos são reverenciados da adoração de Abraão.

¹² VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução: Daniel de Oliveira. Editora Teológica: São Paulo, 2003, p. 315.

¹³ Em seu formato retangular mais orientado para o Templo, a sinagoga se compõe de um armário onde eram guardados os rolos da Torá e dos profetas. “Algumas sinagogas têm bancos de pedra ao longo das paredes; parece que o povo senta no chão ou fica em pé”. Mateus 23.6 faz alusão as cadeiras reservadas a pessoas importantes, mas esse fato não é atestado em nenhum outro lugar. Torna-se o local de culto dos judeus e lugar onde se educava as crianças e os jovens (de VAUX, 2003, p. 382).

assentava o coração dos homens, como disse o salmista, noite e dia: ‘na sua lei medita de dia e de noite’¹⁴.

Para Jesus a vida cúlrica se caracterizava pela convivência entre as pessoas. Isto se dava num movimento para fora do Templo. Jesus comia e bebia com publicanos e pecadores (Mateus 11,19), amava a vida humana em sua amplitude. Por isso, não havia para Jesus nenhuma vida que fosse reduzida ou menos válida. Para ele, a convivência com todos e todas era concreta e cotidiana. Esse aspecto também identificava as relações na comunidade de Jesus, que se caracterizava pelas relações de solidariedade de uns com os outros, também com os mais distantes do centro.

Raquel Paiva destaca o papel fundamental e agregador da identificação como critério de análise de grupos humanos. Para ela, a identificação se pauta por afetividade e proximidade.¹⁵ Esta afirmativa é condizente com a prática do grupo de Jesus e com os valores cristãos, tais como a valorização das pessoas, a comunhão dos membros do grupo, sua identificação, união, amor e cooperação.

O trabalho de Jesus conta com a ajuda de discípulos (Marcos 3,13-15). Seu ministério é marcado por ensino, pregação e cura (Mateus 4,23). Num cenário onde todas as atenções estavam voltadas à capital Jerusalém, ao Templo e a todo um sistema religioso, Jesus se volta à classe marginalizada. Seu compromisso é com a justiça e com aquele e aquela que se compromete com ela. Sua opção é olhar para o necessitado e a necessitada para, assim, acolher com bondade e amor a todos e todas.

Essa atuação de Jesus no mundo não deixa de ser uma dimensão espiritual, já que é uma vida cheia de sentido. Apesar de sua época caracterizar-se pelo “servir” a Javé, Jesus “cultivava” a solidariedade e a afetividade no sentido de “culto”, consciente de que com essas práticas estaria também cultuando o próprio Deus, em conformidade do o que está escrito: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13,34).

¹⁴ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1983, p. 221.

¹⁵ PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003, p. 72.

As bem-aventuranças

Jesus andava por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades do povo (Mateus 4,23). Nisto Jesus manifestava uma espiritualidade diferente ao falar e praticar o amor a Deus e à pessoa próxima num sentido de vida cúlta, numa atitude de reconhecer mais o outro do que a si mesmo, capaz de chamar o outro e a outra de bem-aventurado e bem-aventurada¹⁶.

O sermão da montanha, seu ensino mais conhecido, pode ser considerado um discurso de defesa e de cuidado (pois implica uma ética do cuidado!). As palavras usadas no sermão da montanha são evidência terminológica de uma ética cristã que acabara de nascer com Jesus (Mateus 5). Pode-se dizer que, sobre o monte, a ética do Antigo Testamento se completa: “A ética do Antigo Testamento cumpre-se ou completa-se em Cristo e em seu Sermão da Montanha”¹⁷.

Mateus 5,3-12 foi interpretado, algumas vezes, de forma antijudaica, uma vez que seu conteúdo atualiza ou radicaliza o Decálogo judeu, e a esperança de que as dores e sofrimentos do povo teriam um fim suspendiriam a maldição culturalmente estabelecida sobre o mesmo (Gênesis 3).

Essa visão de mundo, característica de quem considera sua própria cultura mais importante do que as demais, tem suas razões. Sempre houve uma relação entre o humano e a terra cultivada¹⁸. Foi da terra que o humano fora tomado (Gênesis 2,7). Mas essa relação sofreu uma ruptura. Por causa dos seus pecados, a maldição cairia sobre esse humano. E a terra que antes fazia de tudo para sustentar os seres humanos passa a recusar-lhes a produção de uma terra cultivável (Gênesis 3,17ss).

Sabendo da ruptura entre a humanidade e a terra, Deus está com o coração ferido; sente dor por ter criado a humanidade¹⁹. É a dor por

¹⁶ BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. Tradução de Martin Volkmann. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006, p. 41-42.

¹⁷ SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Tradução: Hans Udo Fuchs, Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 342.

¹⁸ VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 1. ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE/Targumim, 2006, p. 156.

¹⁹ C. H. Mackintosh, “Tinha de haver inteira destruição daquilo que havia corrompido o caminho de Deus na terra”. MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro do Gênesis*. Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, 1977, p. 70.

causa da corrupção humana, que se vê enredada em sua própria aflição voluntária, sofrendo por seus próprios erros. E é mais fácil acreditar que Deus sente dor por causa da corrupção humana do que por ter criado ela. Essa velha história da humanidade corrupta, comprometida pela destruição de Deus, mas salva pelo mesmo Deus que se arrepende, será reescrita em Jesus. Pois é nele que começa o *evangelho solidário*, o evangelho que chama o povo para o arrependimento. Que dá chances para que muitos decidam voltar atrás de seus maus caminhos, reparando a vida com solidariedade e através de sentimentos de compaixão e amor (Mateus 11,28-30).

Após muitos fracassos do povo de Israel, é chegado, com Jesus, o tempo de proclamar o ano da bondade de Yahweh. Seria o ano da recompensa de Deus e o ano da libertação. O ano aceitável de Yahweh é o ano do Jubileu, quando cada um tornaria a sua posse e a sua família (Levítico 25,8ss). Seria também o ano do renascimento espiritual e o ano do amor generoso de Deus e do amor para com Deus (Isaías 61,1-2). Será tempo de alegria! Será tempo de louvor! Será tempo de reconstruir! (Isaías 61,3-4). Este ideal alimentava o sonho de Jesus e de seus seguidores. O sonho de uma Palestina menos desigual, mais justa, onde os pobres de espírito teriam o Reino dos Céus, os que choravam seriam consolados, os mansos herdariam a terra e os sedentos e os famintos se fartariam (Mateus 5,3-6²⁰).

Estes ideais não deixavam de ser um retrato de Isaías 61,1-4, que antecipa profeticamente o que seria a singeleza pedagógica de Jesus²¹. Também retrata o que foi o seu contexto social e revela o que seria a sociedade de Jesus, constituída dos mais variados grupos étnicos.

O sermão da montanha tem uma característica profética, pois reflete o profetismo do passado. “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que

²⁰ “As bem-aventuranças encontram-se em dois evangelhos: em Lucas (6.20-24), transmitidas no contexto do sermão de Jesus, uma versão mais curta; e em Mateus (5.3-12), em uma versão mais extensa”. MEISTER, Sabine. *O sermão do monte e as bem-aventuranças*: como compreender hoje. Tradução Anke Schuttel. São Leopoldo/RS: Sínodal, 2006, p. 10.

²¹ Jesus buscava posiciona-se em lugares altos para poder ser referência durante seus ensinamentos. Isto era feito para que seus ouvintes pudessem ouvir o que lhes era ensinado. Sem deixar de contar os surdos, que sendo beneficiados com os ensinamentos de Jesus, podiam enxergar os gestos, posturas e ações do mestre.

me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4,18-19).

“A ética de Jesus incorpora o padrão de justiça que um Deus santo requer dos homens em qualquer era”²². Todas e todos são chamadas/os a viver a nova vida em Cristo e no Espírito. Jesus chama para uma nova conduta de vida. “O código ético que Jesus Cristo estabeleceu no Sermão da Montanha como nova forma de vida dos súditos do Reino ou as formas concretas de conduta que Paulo expõe em Romanos 12 valem para todos os cristãos, sem distinção alguma”²³.

O conforto dos que choram parece incluir, em Isaías 61,2, a concreta libertação dos deportados bem como o retorno dos prisioneiros (cf. v. 1). É o conforto que servia para os que acabavam de chegar das terras estrangeiras, manifestado no amor do povo remanescente que aguardava esperançosamente a chegada dos seus compatriotas, que abraçava aqueles que choravam e os que estavam tristes e desconsolados. É o conforto de Deus na chegada!

A partir dessa interação entre Jesus e os curados, desta inter-relação espiritual, que começa a espiritualidade cúlrica: da atitude de chamar para o meio os/as enfermos/as bem como os/as curados/as. É que ocorre quando Jesus cura o homem da mão atrofiada e o chama para o meio (Marcos 3,3). Esta atitude, este gesto, esta postura é que fundamenta a “espiritualidade cúlrica” de Jesus.

Conviver para um Bem Viver

As pregações de Jesus eram carregadas de ensinamentos sobre práticas de amor e sobre práticas de misericórdia. Ele usava parábolas para ilustrar suas doutrinas²⁴. Conscientizava o humano e fazia gestos de fraternidade. Esses valores se completavam numa dimensão espiritual, num

²² LADD, George Eldon. *Teologia do Novo testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 171-172.

²³ ACOSTA, Plutarco Bonilla. *Jesus: esse exagerado!* São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 70.

²⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 11.

estado de relacionamento profundo com Deus²⁵ (João 14,13). É a “qualidade ou caráter de espiritual”²⁶.

Espiritualidade consiste em um “relacionamento do crente com Deus e sua vida no Espírito como membro da igreja de Jesus Cristo”²⁷. “Para os filósofos, em geral, trata-se mais de uma qualidade que de uma entidade. Contrapõe-se à materialidade. Refere-se a uma qualidade que transcende toda materialidade”²⁸.

Para o cristão, a espiritualidade não se reduz à parte interna e humana, nem a um estado de espírito ou uma necessidade subjetiva. “Relaciona-se, antes de tudo, o homem finito com a realidade divina, com Deus que se revela na obra da criação e no ministério de Cristo”²⁹. E isto só será possível através do culto, ou seja, da disposição humana de prestar um serviço a Deus.

É no culto onde ocorre o contato do humano com Deus, podendo isto ocorrer conscientemente através da *oração, do cuidado, da prática da justiça e do acolhimento*. Estes gestos poderão ser ainda acompanhados de outras atitudes: *responsabilidade, espiritualidade e amor*. Destes, o mais importante, será o amor (1 Coríntios 13,1).

A vida espiritual realiza-se nas ruas, nos becos, nas favelas, na igreja, nas assembleias, no lugar de orações e na eucaristia. Na vida individual a espiritualidade consiste em revestir-se de Cristo, de sua paixão, morte e ressurreição. É, portanto, certo dizer que “a espiritualidade cristã se enraíza no acontecimento da revelação de Deus e da concretização histórica da revelação em Jesus Cristo como na tradição da Igreja”³⁰.

As escrituras registram o sentido da espiritualidade. Sabe-se que não se trata só de sentimentos e emoções, muito menos de corpos e men-

²⁵ Jesus amava o Pai e fazia o que o Pai ordenava, por isso durante as práticas, Jesus estava se relacionando com Deus.

²⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004, p. 812.

²⁷ GRENZ, Stanley J; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de Teologia*. Traduzido por José Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2000, p. 50.

²⁸ ZILLES, Urbano. *Espiritualidade Cristã*. Teocomunicação, Porto Alegre/RS, v. 34, n. 134, pp. 21-34, 2004.

²⁹ ZILLES, 2004, p. 23.

³⁰ ZILLES, 2004, p. 108.

tes anestesiados pelo “óleo do monte” ou do “vale”, mas é a vida cheia do amor de Deus, pronta para ser disposição humana em favor dos mais necessitados. Trata-se simplesmente de “ser e ver” o mundo a partir da vida impulsionada pelo amor para a vivência na terra. Em outras palavras, segundo Zilles, “a espiritualidade não é um estado, mas uma forma de viver a fé cristã a partir de um impulso da graça para participar da vida divina na peregrinação terrestre, pois a consumação só terá lugar quando Deus for tudo em todos (1Cor 15,28)”³¹.

A vida humana exige uma relação mais profunda consigo mesma, com Deus e com os outros. Requer uma adesão de todo o seu ser bem como uma entrega total a Deus, para depois servir aos outros. “O Evangelho possibilita uma transformação através da renúncia, obediência até a morte na cruz, ressurreição e elevação, esvaziando-se de si mesmo e enchendo-se de Jesus Cristo”. Entretanto, essa possibilidade só será real se a entrega humana de renúncia também for real e verdadeira para o outro, como em formas de Bem Conviver³².

O Bem Conviver reconhece e identifica o próximo na convivência e na comunhão do sermão da montanha (Mateus 5-7). Ele chama cada um e cada uma para pensar o Reino, o Céu,³³ para imaginar um mundo sem dores, sem sofrimento e sem morte, onde não haverá classes, intolerância religiosa, intolerância cultural e intolerância social e onde a coletividade glorificará o amor de Deus em Jesus.

Na proposta do Bem Viver, Jesus é mediador entre a vida e a convivência. Ele é a chave que abre o céu na terra, a proposta bíblica para um mundo ideal aqui na terra. A esperança que supera o sofrimento (Hebreus 6,17-20). Realidade para quem participa de sua comunhão; embora seja

³¹ ZILLES, 2004, p. 109.

³² O conceito do Bem Viver brota do fundo da terra, nasce do ventre da convivência e da comunhão. Genericamente ele tem origem na expressão andiana *suma qamaña*, que quer dizer “bem conviver”. É o composto etimológico que nasce das suas várias acepções, primeiro do termo *suma*, que significa “plenitude”, “excedente” e “bem”. Ou ainda, a partir do segundo termo *qamaña*, que significa “estar sendo” e “conviver”. É a expressão que se refere à boa vida, sentido moral de viver corretamente.

³³ Essa é a proposta de conceito de dimensão comunitária. Quem tem como objetivo, fazer as pessoas pensarem no céu a partir de uma comunhão participativa e comunitária. BLANK, Renold. *Creio na vida eterna*. São Paulo: Paulus, 2014.

fantasia e utopia para judeus e pagãos, é real e concreto na vida de quem dela participa.

Jesus nos convida prometendo-nos o devido descanso. Ele justifica isto quando diz: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve”. Jesus não nos convida para a condenação, mas, para tirar de nós tudo que nos torna maus (Mateus 11,28-30). Cabe a nós tomar a decisão correta.

Para os povos indígenas, tornar-se adulto é morrer para a infância e nascer para a vida social. É rito mitificado e comportado por provações físicas, uma dimensão de crueldade e dor. Já para o crente, este sentido torna-se real a partir do seu encontro com Cristo. Apesar de o rito ser diferente dos ritos indígenas, aceitar o convite de Jesus também significa morrer para o mundo e viver para Cristo. É deixar para trás o passado e seguir adiante em novidade de vida e aprendendo a conviver em passagens pela vida. Ilusão para quem observa de fora, a partir de outra cultura, mas Bem Viver para quem participa.

Quando o compromisso e a espiritualidade desembocam numa ética imitante de Jesus, os resultados serão reformadores para a convivência na comunidade e, principalmente, para a vida humana. Esses arranjos seguir-se-ão acompanhados da espiritualidade, do compromisso de buscar o aprendizado e principalmente a vocação para o serviço. A certeza da vocação pastoral poderá ser o começo, antes mesmo do aprendizado. Mas ela só será confirmada pelo amor em cuidar do outro (1Coríntios 13,1).

Aí a espiritualidade será vestida de princípios éticos. São práticas de cuidado e caridade, ações de solidariedade para com o outro que caracterizam a humanidade cristã. A Palavra vai se manifestar na carne, ou se completar na carne (João 1,14). Será Palavra de Deus ambulante, carne vestida de lei, de princípios e valores.

Com estes valores, na presença do Espírito, a convivência cültica precisará enfrentar as vicissitudes do mundo e da cultura (seja ela religiosa ou não). Entre gestos de solidariedade, posturas de amor e ações de cuidado, o enfrentamento se dará a partir da e com a convivência humana. “A espiritualidade precisa enfrentar o supermercado do sagrado selvagem, o retorno drogado da religião e da religiosidade, o fascínio da

experiência religiosa disponível a preços módicos, mesmo a prestações”³⁴. Daí que a espiritualidade não é um estado, mas uma forma de viver a fé cristã. Ela ocorre nos gestos de Jesus, em sua postura e em suas atitudes humanas. O humano deverá ser retrato de Jesus na terra. Discípulo fiel e verdadeiro, do qual fluirão rios de bênçãos, boas notícias, profecias de esperança. Ele será profeta das “bem-aventuranças”, mensageiro da paz, assim como Jesus o foi. Ele provocará aquele que ler sua realidade a que a encare com mais dignidade, espiritualidade e compromisso³⁵.

Considerações finais

O culto é o meio através do qual acontece a experiência religiosa. Independente de lugar e tempo, o culto acontece na convivência entre um ser divino e um ser humano. E já que culto significa prestar homenagem ou serviço a Deus, ele acontece na presença e convivência humana, na partilha de experiências entre grupos e comunidades. Viu-se isto em Jesus, na sua vida cúlta, pela convivência com os mais necessitados e desfavorecidos. Jesus andava por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo (Mateus 4,23). Nisto, aparentemente, se manifestou uma nova espiritualidade: o culto é entendido como prática do amor a Deus e ao próximo, como atitude de reconhecer mais o outro do que a si mesmo, como disposição de chamar o outro e a outra de bem-aventurado e bem-aventurada. Nessa interação entre Jesus e os curados e nessa inter-relação de dimensões espirituais que começa a espiritualidade cúlta. Esta pode muito bem ser caracterizada como chamar para o meio os/as enfermos/as e os/as curados/as. Jesus chama os seres humanos à prática do amor e da misericórdia, para, assim, serem retrato de Jesus na terra.

³⁴ HELLWIG, Elpídio Carlos. *Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades*. 2009. 40 f. TCCP (Especialização em Missão Urbana) – ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009, p. 199.

³⁵ MEISTER, 2006, p. 10.

Referências

- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ZILLES, Urbano. *Crer e Compreender*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.
- AMATUZZI, Mauro Martins. *A experiência religiosa: estudando depoimentos*. Estudos de Psicologia, V. 15, p. 04, 1998.
- PASCUAL DOTRO, Ricardo; GARCIA HELDER, Gerardo. *Dicionário de liturgia*. São Paulo, SP: Loyola, 2006.
- SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2004.
- VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução: Daniel de Oliveira. Editora Teológica: São Paulo, 2003.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1983.
- PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. Tradução de Martin Volkmann. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.
- SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Tradução: Hans Udo Fuchs, Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 1. ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE/Targumim, 2006.
- MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro do Gênesis*. Lisboa: Depósitos de Literatura Cristã, 1977.
- JEREMIAS, Jörg. *Die Reue Gottes: Aspekte alttestamentlicher Gottesvorstellung*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1975.
- MEISTER, Sabine. *O sermão do monte e as bem-aventuranças: como compreender hoje*. Tradução Anke Schuttel. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2006.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- ACOSTA, Plutarco Bonilla. *Jesus: esse exagerado!* São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- GRENZ, Stanley J; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de Teologia*. Traduzido por José Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- ZILLES, Urbano. *Espiritualidade Cristã*. Teocomunicação, Porto Alegre/RS, v. 34, n. 134, pp. 21-34, 2004.
- BLANK, Renold. *Creio na vida eterna*. São Paulo: Paulus, 2014.
- HELLWIG, Elpídio Carlos. *Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades*. 2009. 40 f. TCCP (Especialização em Missão Urbana) – ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009.